

# ARAUTO

	1967
	<b>Janeiro</b>
	ANO X
	N.º 44
Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA	

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores

Fernando Lima, Jorge Angelo e Manuel Frias

ESPAÇO

Administrador

José Avelar Rosa

## Os Ideais da Juventude

Quando se fala em ideais da Juventude, somos levados instintivamente nas aspirações da mocidade que dia a dia se desenvolve e se encaminha para uma vida, cujo futuro ignora.

Porém, muitos jovens têm desejos que se tornam irrealizáveis, por não estarem bem idealizados.

Esses desejos veementes variam muito, mas, na maior parte dos casos, os jovens envolvem o pensamento na futura vida conjugal que os tornará mais responsáveis perante a sociedade e em que possam alcançar a felicidade no cumprimento dos seus deveres.

Contudo, se se fizessem confrontações entre as diversas aspirações que ocorrem ao espírito moço, talvez se verificasse que um número relativamente pequeno absorve os seus pensamentos na felicidade moral, orientada para Deus.

E é assim que muitos se perdem pela vida fora e se tornam peregrinos errantes por não encontrarem o que anseavam e que seria, nem mais nem menos, a felicidade que só se obtém dentro da moral.

De qualquer forma vagueia na mentalidade juvenil o sonho da futura vida conjugal. No entanto este problema da mocidade, costuma ser encarado de duas maneiras:

Uns vêem o assunto apenas sob o aspecto negativo, isto é, pensando sómente nos encontros diários, nas suas aventuras

de jovens, não ponderando que mais tarde podem perder-se no caminho; outros há que o vêem sob o aspecto positivo, ou seja, considerando a sua gravidade com inteligência e pondo o pensamento em Deus que os tornará mais tarde verdadeiramente venturosos.

É de lamentar que, sendo este o caminho verdadeiro, não seja o mais procurado.

É fácil e ao mesmo tempo doloroso observar que muitos se tornam infelizes

(Conclui na 2.ª página)

## A VIDA

A Vida! — Longo rio onde todos nós vogamos dentro de frágil batel...

O nosso primeiro dia, começa na nascente; o último na foz, que deságua nesse imenso oceano — o da morte.

O leito desse rio não é sempre igual, no decorrer de todo o percurso:

— Primeiramente ele é de águas cristalinas, puras e mansas. E nós somos afagados pelas encostas das montanhas, que nos protegem dos ventos e temporais. É a Infância, na sua inocência e simplicidade; são os braços dos nossos

pais, onde encontramos refúgio e carinhos.

Mas eis que a corrente vai engrossando, torna-se rápida.

Os vales que são turtuosos, há inundações nos terrenos em volta, o sol muitas vezes esconde-se detrás das colinas, coando apenas uma luz pálida, que mal ilumina.

É a juventude, com os seus arrebatamentos, as primeiras contrariedades; alguns desenganos. E quando se repele um bom conselho dos mais velhos e experientes, corre-se o perigo de andar transviado como a água nos campos inundados. Mas há jovens rebeldes que se julgam capazes de enfrentar o mundo com todos os seus desenganos e traições.

Sentem uma chama, que os arrasta e os envolve no seu calor.

Contudo a corrente continua subindo, a vertente é escarpada e sem cores alegres; apenas se vê alguma árvore meia desfolhada.

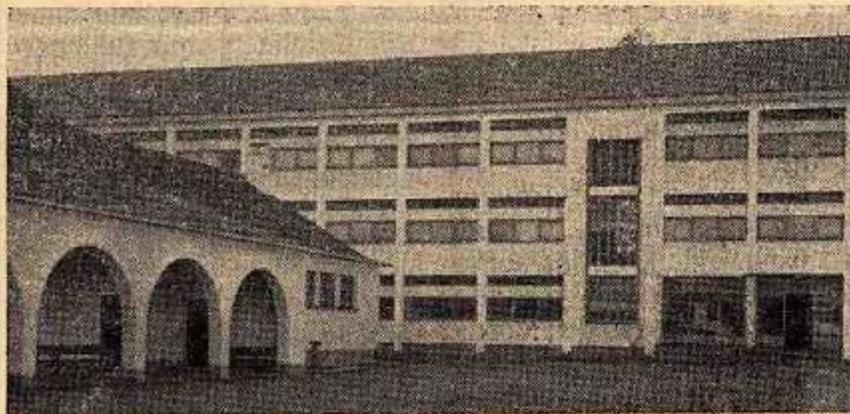
O leito está cheio de pedregulhos e despenhadeiros, é assolado por verdadeiras tempestades.

Trava-se uma luta renhida entre a terra e a água que, a todo o custo pretende arranjar condições mais propícias à corrente. É a idade adulta com suas ambições seus ódios; é a tragédia do homem que muitas vezes cai no caos.

Mas devemos também notar que os homens não são apenas entes mesquinhos e orgulhosos, também

(Conclui na 4.ª página)

## FINALMENTE o LICEU NOVO



Foi com grande júbilo que vimos completarem-se as obras do novo pavilhão do Liceu da Horta.

De facto era uma obra de grande necessidade e urgência dado o número crescente de alunos.

Ora com a construção deste novo edifício acabaram os inconvenientes resultantes da falta de espaço para o exercício pedagógico em boas condições. De linhas modernas, quer exterior quer interiormente, o novo Liceu dá-nos o maior conforto possível com as suas amplas salas e carteiras, bem como todo o material.

Todos, professores e alunos se sentem orgulhosos e agradecidos por tão benéfica obra, que o Governo da Nação em boa hora mandou construir.

Espera-se para breve a inauguração oficial.

# TEMPESTADE TROPICAL

O dia tinha nascido havia já algumas horas o Sol resplandecia no universo quando eu acordei.

No meu quarto entrava uma réstea de luz por uma pequena abertura nas persianas; levantei-me; dei uns passos para desentorpecer as pernas e aproximei-me da janela abrindo-a de par em par.

A principio a claridade do Sol em contra partida com a obscuridade do quarto obrigou-me a fechar os olhos, mas rapidamente habituei-me á luz intensa do Sol.

Sai do meu quarto e dirigi-me á casa de banho onde me preparei para descer á pequena sala de jantar onde ai tomei o pequeno almoço, que me soube melhor do que nunca,

Levantei-me, lavei as mãos e dirigi-me para a saída. Chegado ai, a minha hospedeira interrogou-me:

— Onde é que você vai?

Respondi-lhe com certa cortezia explicando;

— Pretendo dar uma volta para ver alguns aspectos e panoramas que ainda não vi.

Visto que estava lá havia dois dias não tinha tido a oportunidade de ver tudo o que devia ser digno de observar.

Então eia falou-me de alguns lugares de maior renome na aldeia, assim como vistas, a praia e outros de menos importância.

Andei! Andei! O tempo passava por mim e eu não dava por isso, tal era a maneira como eu ia absorvo nos meus pensamentos. Então senti um certo vazio no estômago que começara a dar mostras de forte apetite.

Desci ao restaurante mais perto onde tomei uma froga refeição.

Acabada esta voltei a sair e dirigi-me para um morro já meu conhecido.

Chegado ai sentei-me numa lage que tinha por costas uma outra lage onde me encostei o melhor que pude; baixei o meu chapéu para que o Sol não me in-

comodasse. Logo tirei da minha algibeira um livro de um autor português de alto valor e comecei a lê-lo.

Passados uma longa hora uma ténue brisa levantou-me as páginas, no entanto não dei importância ao facto continuando na minha entusiasmada leitura.

De repente senti um certo mal estar e um ventozinho do Norte arrepiou-me.

Ergui os olhos e reparei imediatamente numas núvens negras que se acumulavam no horizonte e que pareciam caminhar na minha direcção.

Olhei, á minha volta; tudo estava calmo como dantes. O Sol continuava a brilhar com o mesmo fulgor, mas eu não podia esquecer que estava numa zona tropical e que as tempestades repentinas são comuns.

Pus-me de um salto em pé e o primeiro pingo de chuva fez-se anunciar que tudo escurecia cada vez mais.

Entretanto eu apressava o passo para chegar a um lugar abrigado da chuva.

Consegui atingir o edifício do Correio antes que a tempestade desabasse. Passados alguns minutos que eu estava lá e a chuva caía desvairadamente. Os transeuntes corriam através das ruas em direcção a casa ou a qualquer lugar onde se pudessem abrigar.

De repente uma luz ceugou-nos a todos; ao longe ribombou o primeiro trovão; o vento aumentava, a chuva tombava copiosamente sem ter e menor piedade por alguns peões que corriam ao longo do caminho. Tinha começado a tempestade.

Naquele momento tudo era chuva; os raios caíam destruindo tudo o que encontravam; o céu era a seguir rasgado por clarões zig-zagueantes; os trovões troavam ensurdecendo todos.

Algumas sombras fugidias atravessavam as ruas correndo.

Naquele pequena aldeia não havia pára-raios ou

qualquer defesa e por isso os raios caíam por toda a parte.

Quando virei a cara para o outro lado da aldeia donde provinha um alarido reparei que devia estar alguma coisa em chamas.

Aproximei-me daquele lugar e notei que era uma casa que ardia e perto uma pobre mulher soltava gritos lancinantes dizendo que lhe salvassem o filho que ficara na casa em chamas.

Alguns braços aguentavam aquela infeliz para que não cometesse semelhante loucura visto a casar estar a desabar naquele momento. Nada se podia fazer por aquele infeliz menino que estava concerteza reduzido a cinza.

## OS IDEAIS DA JUVENTUDE

(Conclusão da 1.ª página)

com o decorrer dos tempos quando ficam saturados da materialidade. Chegam á triste conclusão que tudo o que procuravam não os conduziu á felicidade verdadeira. Por vezes aparecem-lhe em sonhos, imagens e cenas inebriantes, mas... ao acordarem, tudo se dissipa e se torna irrealizável!

Já S. Agostinho quando novo, dizia que o seu coração era um insatisfeito e um infeliz enquanto não repousasse em Deus.

E porquê? Porque só depois de o atingir teria a certeza de que a Ele se uniria e assim gozaria a autêntica felicidade que é eterna.

Todavia, este caminho para a glória não é dos prazeres mundanais, mas sem dúvida o do sacrificio.

Em conclusão para atingirmos o verdadeiro ideal, devemos pôr acima de tudo o pensamento em Deus, porque um ideal sem Deus não nos trará a felicidade que imaginamos e que sentimos o desejo de possuir.

É pena que bastantas vezes nos esqueçamos disto!...

Norberto Oliveira

Mantinha-me afastado daquilo como que me sentindo um estranho.

O vento passava assobiando a uma velocidade extraordinária alastrando o incêndio que se propagava rapidamente ao resto da povoação.

Era já alta noite, metade da aldeia era pasto das chamas, os habitantes dessa parte incendiada corriam apavorados. Atravessavam a rua uma multidão desenfreada; se alguma pessoa caía, os outros passavam-lhe por cima.

Olhava para isto com um ar de certa repugnância; era sem dúvida um espectáculo de enfundir respeito e ao mesmo tempo terror.

Pairava na atmosfera uma excitação terrível. Permanecia afastado daquele antro de loucos, quando de repente uma daquelas terribes faíscas cai no centro daquela gente aterrorizada. Muitos ficaram completamente carbonizados.

Notava-se todavia que a tempestade amainava afastando-se.

Eram 6 horas da manhã; a pouco e pouco esclarecia o sol que sobia no horizonte encontrando a aldeia num verdadeiro caos.

O solo do caminho estava juncado de cadáveres, alguns carbonizados outros espeznhados pelos próprios companheiros em fuga.

Tudo era desolação! A aldeia fora consumida pelo fogo; agora o que restava das casas era simples muros negros de fumo e algumas traves que não foram por completas queimadas.

O povo junta-se ali e a bem comentar o acontecido em pequenos grupos.

Aproximei-me de um desses grupos que estava numa conversa animada que nem sequer dera conta que tinha chegado. Ouvi de variadíssimas bocas que foi a pior tempestade desde há cinquenta anos.

No entanto comentava comigo próprio: a tempestade foi-se tão depressa como viera.

Herminio Martins de Freitas

Despertei cedo.

É tentador o raiar da aurora no campo, que em Setembro me parece mais belo do que nunca.

Abri a janela.

Ao debruçar-me aspirei o sadio aroma dos campos vicejantes refrescados pelo orvalho matinal que os primeiros raios solares coados através da densa folhagem iam vaporizando.

Como habitualmente, não me cansava de admirar esse quadro campestre, para mim sempre belo, onde algumas árvores se erguem majestosas como carinhosas avózinhas a encorajar os netos, pequenos arbustos que as rodeiam.

Foi arrancada à minha contemplação pelo esvoaçar d'algumas andorinhas que certamente debandavam em busca dos beirais d'outro clima mais ameno.

Aquelas asas pretas voando sempre em espiral evocaram-me as nossas capas de estudantes ondulado à volta das nossas cabeças juvenis.

Como elas em poucos dias partiremos em busca d'outros beirais da vida que nos esperam acolhedores.

As andorinhas ao voltarem não encontrarão decerto intactos os ninhos que abandonaram e terão de reconstruí-los na nova Primavera.

Nós pelo contrário vamos continuar a construção do alicerce que nos ficou do passado ano lectivo, porque ser estudante é ser operário duma grande obra que é a cultura dum povo.

Não estudamos só para conseguir uma boa posição social ou proveitosos lucros nas empresas.

Não estudamos só para nós.

Embora muitos não o saibam compreender, o trabalho do estudante consciente é árduo e exige grande esforço e aplicação para que cada um possa levar a bom termo a tarefa que lhe compete numa missão colectiva.

Mas esta tarefa não é um trabalho independente.

Como operários da mesma obra o nosso trabalho é de cooperação e por conseguinte esforçemo-nos por nos ajudarmos mutuamente nas dificuldades e desânimos.

Nunca devemos esquecer que o progresso e bem-estar dum país depende do desenvolvimento cultural do seu povo.

Portugal será amanhã o que nós formos hoje. Por isso consagremos a esta tarefa o melhor do nosso esforço e da nossa boa vontade.

E, quando o estudo nos pesar, quando em dias tempestuosos caminharos sobraçando a pasta, fustigados pelo vento e pela chuva, ou ainda quando nos longos serões a fadiga nos aperta os olhos á luz do candeeiro, não esqueçamos que o nosso vôo não deve ser em espiral como o das andorinhas, mas sim um vôo recto e firme para um futuro, que será aquilo que firmemente quisermos que seja.

Maria Santa da Silva

O que é a morte? Quando tencionamos falar a alguém sobre qualquer coisa, é preciso defini-la, dizer o que é. Ora, sendo a morte um substantivo abstrato é difícil, mesmo arriscado, dizer numa frase, bem concretamente o que seja.

À primeira vista parecer-nos-á que é o ponto final nos nossos dias, mas, pensando bem, talvez encontremos outro sentido.

Qual é o «fim» da nossa morte? Será apenas evitar uma super população no mundo?!

Não. Assim não precisaria nascer mais ninguém, vivendo nós apenas ou muito menos: tomávamos posse, não só da Lua como de todo o Universo. Sendo este infinito, poderá haver uma população infinita, sempre crescente.

Mas mesmo morrendo imensa gente, não nos esquivamos à super população da terra, pois a taxa de natalidade é sempre superior à da mortalidade fazendo crescer continuamente

te o género humano, prevendo-se até para o ano 2.026 a data em que a Terra deixará de ter recursos suficientes para nos sustentar. Não nos devemos assustar contudo com tais previsões, visto que alguém providenciará para que esse número sempre crescente de pessoas não afecte a aparente tranquilidade do nosso globo.

Será então justamente o nosso destino, irmos para junto d'Aquele que nos criou? Sim, porque por Ele fomos criados. Na natureza nada se destrói, nada se cria; tudo se transforma. Mas a natureza foi criada.

A resposta é essa. É que a morte pertence a esse Deus que nos criou, que a dá sem sabermos quando nem como. Até porque esse conhecimento, para nós seria de consequências funestas. Viveríamos pensando nela e no consumo do tempo que teríamos até ela. A vida que todos desejamos longa é um sonho, e nós vivemos sonhando.

Quantos sonhos não são cortados pela morte? Conhecendo a sua data não poderíamos idealizar esses sonhos que julgamos sem fim, nem o que nos apresentam um fim distante, longínquo; lá estaria ela a finalizá-los, e tão depressa! — A vida são dois dias...

Então a amargura do dia-a-dia sem a felicidade que os sonhos nos proporcionam, mesmo os impossíveis não seria nada, nem teríamos razão para viver. Reconhecemos a benéfica incerteza da morte.

No entanto ela é certa e todos os dias a vemos: hoje aqui amanhã ali. Parecer-nos-ia mesmo absurdo que não morrêssemos, que não mudássemos de posição, cansar-nos-íamos da vida e ao atingir a idade em que se conhece o que ela é, sabendo-nos imortais, desesperariamos. No entanto não vale a pena pois somos mortais vendo a morte como certa.

Assim como devemos encarar estas duas realidades

(Conclui na 4.ª página)

## Porque és Estudante?

Porque os teus pais quiseram que estudasses ou porque tu realmente desejavas tirar um curso?

Porventura, já ponderaste qual é a tua função social?

Isso, na verdade, far-te-á reflectir um pouco, far-te-á brotar na tua mente várias interrogações. Obrigar-te-á mesmo a pensar se frequentas o liceu, simplesmente para cumprir os horários, como motivo de rotina, ou então se o frequentas com um objectivo em vista ou se na realidade procuras tirar uma ilação proveitosa que, enfim, te possa conduzir nesta encruzilhada da vida.

É que para além dos momentos alegres, das ocasiões de franca camaradagem que o contágio da Juventude jamais poderá furtar, e que pela vida aflorarão sempre como motivo de saudade, o ideal em mira nunca pode ser olvidado pelo estudante. É dos ensi-

namentos que lhe são ministrados que a sua formação sob todos os pontos de vista, se vai concretizando. É daí que a sua idoneidade ante a sociedade pode partir, que as suas virtudes podem ser desenvolvidas, e da sua boa capacidade de assimilação, tornar-se um ser útil.

As aulas já começaram para ti, estudande!

Dá o melhor de ti mesmo, vive os teus estudos com a sinceridade esmagadora da tua juventude. Tu podes. Não deixes de querer. Não deixes jamais que o desbobinar dos anos sejam portadores de fracassos e que a indolência esmague para sempre a ânsia com que os adultos aguardam a tua maioridade social.

És forte. Tu podes. Avança então, levando nos lábios sorridentes a afirmação do teu querer.

FERNANDO LIMA

(Conclusão da 1.ª página)

há os bons, esses cuja vida é um rio mais calmo e em que a virtude flutua como embarcação...

Mas depois de atingirem a altura máxima, as águas vão descendo lentamente, tornam-se menos turvas. Já aparecem as margens verdejantes e salpicadas de flores. São as flores que engrinaldam a velhice tranquila após os tormentos da existência anterior.

É nesta altura que o rio da vida está prestes a desaguar... Sente já a influência das águas do grande oceano, e em breve estará nelas como num labirinto. E os olhos humanos voltam-se então para o passado com remorso e tristeza ou marejados pelas lágrimas da felicidade, conforme tenha decorrido a existência anterior, se o caudal do seu rio se lançou por cascatas e desfiladeiros ou se correu sempre entre colinas e pradões

O Grande Oceano!...

É a morte que se aproxima

Monstro horrível para muitos, que ficam como estátuas de olhos petrificados e boca muda temendo-a e ouvindo uma voz infernal, a do remorso, que os assusta. Para outros, amiga suave, calmante de dores! Estes vão para ela de braços abertos à procura de uma existência sossegada e feliz, pois a sua consciência de nada os acusa.

Por isso tu, que és jovem, conduz as águas do teu rio, para bom terreno para aquele que te mostre o irizado éden de uma natureza, onde por trás da quimera e da magia, crepita a chama do Bem. Foge do mundo, dessa turba desenfreada e louca que te pode levar à perdição no meio de precipícios perigosos e difíceis de transpor

Maria Fernanda Serpa Silva

Desde os atletas olímpicos da Antiguidade, até aos desportistas da Idade Contemporânea, as competições têm-lhes exigido força e destreza. Essa força é, por assim dizer, o principal vigorante para as outras aptidões que o atleta exiba, sendo resolvida à base de uma preparação física robustecedora, e que se coaduna com a cultura racional das energias corporais, abrangendo a educação respiratória, o robustecimento das fibras musculares e o perfeito domínio de cada uma das partes do corpo humano.

Quer exercendo sobre o organismo uma influência fisiológica e funcional, no que diz respeito à respiração e circulação sanguínea, quer fazendo uma preponderância directa sobre os músculos, em que estão na origem os exercícios de resistência, para maior força e pujança, a ginástica fornece ao desportista energias e frescura para a prática das mais variadas modalidades, confirmando assim o aforismo que ensinamos esta crónica, e que provém do latim: «mens sana in corpore sano».

Além disso, já é apanágio da Mocidade Portuguesa organizar todos os anos torneios com os chamados desportos pobres (basquetebol, andebol, e futebol de salão). O primeiro pelo trabalho de braços, pernas e tronco fortalecendo os músculos, é uma modalidade muito completa. O andebol, pelo vigor da competição e pela rapidez de reflexos, é também idêntico

## A Morte

(Conclusão da 3.ª página)

tão verdadeiras como contrárias «A morte certa» e «A morte incerta»?

É fácil: preparemo-nos como se fôssemos morrer em cada dia que passa e vivamos como se ela não existisse.

J. P. P.

co na perfeição. O terceiro, o futebol de salão, pelo malabarismo e domínio de bola que desenvolve, é óptimo para a prática de futebol.

Temos, pois, três modalidades, que pelo estilo que cada uma encerra, são úteis e que, com os torneios, mantêm uma actividade constante.

Fernando Lima

«Entendemos ser o desporto universitário parcela de toda uma acção global de formação da juventude e, como tal intimamente ligado, por relações de causa e efeito, às restantes parcelas do sector base de toda a vida portuguesa — a EDUCAÇÃO».

Dr. Armando Rocha

Director Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar

DO

Deixaram de exercer o cargo de redactores: Carlos Frayão e Guilherme Pinto. A partir de agora ARAUTO passa a contar com os sextanistas Fernando Lima, Jorge Angelo e Manuel Frias.

## Novas Professores

Leccionam pela primeira vez, neste liceu os seguintes professores:

Doutoras — D. Maria de Fátima Baptista, D. Angela Resende, D. Maria Cristina Fernandes Pereira, D. Guiomar Melo, Dr. Brito e Melo, Dr. Joaquim Lomba, D. Ana Maria e os senhores Fernando Melo e Jorge Vieira.

## «CRUEL PROCURA»

Mergulhei o olhar nas profundas do meu ser,  
Tateei na escuridão dos becos da minh'alma,  
Arrastei-me no deserto dos meus pensamentos,  
Em busca dum «ego», que tinha perdido!

E os meus olhos gastos de não ver,  
As minhas mãos crispadas e sem calma  
O meu corpo, curvado de tormentos  
Depararam com ele, triste e envelhecido  
A um canto caído!...

De tal visão fugi horrorizada,  
Mordendo os lábios para não gritar.  
E pedi a Deus, num apelo mudo,  
Que me desse lágrimas, para m'afogar!

E o Senhor do mundo, do tudo e do nada  
Ouviu minha súplica e pôs-me a chorar

E foi dessas lágrimas, amargas de sal  
Desse grito agudo que a custo calei  
Desse horror sentido que disfarcei mal  
Dessa dor agreste que me penetrou  
Sim! Foi de tudo isso  
Que nasceu o «ego», que eu hoje sou!

Maria Luisa Costa

## As últimas em faca...



«Alto está, alto mora...

Será ela capaz de o trazer cá fora? Eis a interrogação que assalta a A. B. quando passa pela Praça da República e vê o seu «C. Pond's» prisioneiro...

Oh, pá! Toma cuidado co'a «poliça»!

C., «O Grande» é de gosto requintado, e para as suas lides amorosas optou pelas «flores». Pensará ele «virar» florentino?...

Era uma vez uma menina que se enamorou de um «Demónio»... Não admira. E' uma consequência de .. «e que tudo o mais vá pró inferno».

A F. S. deverá ser um pouco supersticiosa, pois querendo manter a mesma linha de tradição resolveu desta vez, em mais um ano de actividades, prender um «muchacho» loiro.

Será por ser ele portador do seu apelido?...

Terá ela aspirações a altas funções burocráticas ou será ele adepto da indústria regionalista de «bordados»?...

## Passatempo

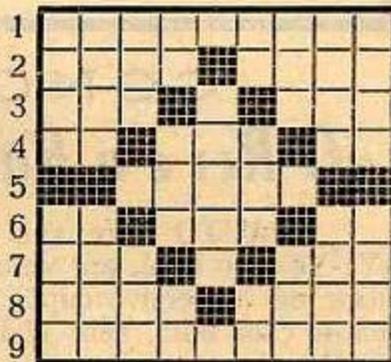
Substituindo os X por letras encontrar nomes de capitais europeias:

Pxxxx  
xxxAXxxxx  
xxxxxxxGx  
xUxxxx  
xxExx  
xxMx  
  
xOxxxxx  
  
xxxAxx  
xxxxRxx  
xxxxxA  
xUxxxxxxx  
xTxxxx  
xxxxOxxx

Soluções no próximo número.

## Palavras Cruzadas

1 2 3 4 5 6 7 8 9



**HORIZONTAIS**—1-Complicado; 2-comia, entender-se; 3-furor, interjeição; 4-sadia, lirio, andar; 5-produto da ilha de S. Tomé; 6-aqui, monarca; produz; 7-conjunção em inglês; Companhia de aviação, 8-partidas, variedade de maçã; 9-antónimo de «vulgarmente».

**VERTICAIS**—1-membrana ocular, desabar; 2-máquina hidráulica, caminha; 3-parente, oferecer; 4-batráquio, casa, saudável; 5-estabelecimento de ensino; 6-neste

Mar, uma imensurável quantidade de água, uma infinidade de lendas, todo o formidável dos mistérios, uma canção pungente de saudade.

Mar! O que tu és!

Para nós Portugueses, és a nossa Pátria. Também és a vida de muitos.

Através dos anos, o mar vem sendo para Portugal, uma fonte de riqueza.

Foi-o, quando no começo do seu desenvolvimento «os nossos homens», se lançaram ao desconhecido em busca de nossas terras, Foi-o sempre embora muitas vidas se perdessem, muitas lágrimas se chorassem, muitas saudades se carpissem.

Mar... Mar Português! Não digo nenhuma mentira, não. O mar é Português!

Quase todo foi cruzado por caravelas e naus que traziam à frente uma cruz, apregoando assim que iam, queriam descobrir, dando vida por outras vidas, iam em prol duma causa justa, descobrir e civilizar; morrer para dar vida.

Sim, é olhando para este mar cinzento encapelado que eu posso fazer uma pequenissima ideia do que foram os sofrimentos dos Portugueses.

E agora eu compreendo o significado destes versos. «Oh! Mar salgado quanto do teu sal são lágrimas de Portugal».

Maria José Correia da Rosa

## NOTICIÁRIO DO CENTRO DA Mocidade Portuguesa

### Nomeações

Com. do Centro — Arvorado José de Avelar Rosa

Com. do Centro Adjunto — José Eduardo Bicudo Decq Mota

### Secções

Secretaria — Arv. Manuel Silveira da Rosa

Camardagem — Fernando Meneses

Cultural — Fernando Lima

Desportiva — Carlos Ramos

Amigos do Centro — José Manuel Machado

Saúde — José André da Terra

Tesouraria — Fernando Gaspar

### Promoções

Foram promovidos a Arvorados em 0. 5. N.º 2 de 25 de Outubro de 1966 os chefes de quina:

Fernando Machado Meneses, José André da Terra, Carlos Diogo da Costa Ramos, Fernando Bettencourt Gaspar

### Comissão para uma excursão às Flores

Guilherme Marinho Pinto, Carlos Garcia, Carlos Pimentel, Manuel Silveira da Rosa — Tesoureiro

# São assim os Estudantes...

## Agência Casamenteira

O H. sem dúvida que anda a navegar em águas pouco revoltas. Agora que tome cuidado com os polvos e lagostas e não vá encalhar na «costa»

O P. «pequenino» tem sido nestas últimas semanas um rapaz atarefado devido aos serviços que tem tido no Capitólio. Que se despache bem com os «manjares».

O L. A. diz que está desempregado, pois num ápice viu-se desligado da sua A.

Todavia, quaisquer propostas podem ser dirigidas a esta Agência.

Para o O. as coisas andam a correr às «mil maravilhas», e isso só pode ser possível pela boa compreensão daquela que é objecto dos seus sonhos que, transferindo-se de ambiente, poderá assim dar melhor solução aos anseios a que ambos aspiram.

## o ARAUTO nas aulas

Numa aula de Ciências Naturais do 5.º ano, o professor interrogava um aluno. A determinada altura perguntou-lhe qual era o mineral que se usava em casa, quando se estava doente com febre.

Resposta imediata do aluno:

— Os comprimidos.

Na aula de Português.

— O Professor: que figura de estilo se encontra neste passo?

— O aluno: É o estilo gótico.

Tornando mais uma vez evidente as suas extras qualidades de «conquistador», o H. C. viu mais um dos seus intentos concretizados. E o certo é que ela já pode considerar-se mais um elemento a adicionar ao grande elenco do célebrimo filme «Música no Coração», agora com o novo prelúdio: «Foi na loja do mestre André...» Prevêem-se «Oscars».

Em virtude do grande movimento que ultimamente o porto da Horta tem registado, e da carência de «Cabos de Mar» que algumas vezes se tem feito sentir, os quadros daquele serviço viram os seus trabalhos compensados e aliviados com a apresentação de mais um candidato, o L. F. que já entrou em actividade.

## Quem não usar chapéu pode enfiar o barrete...

— Quem é o menino do 6.º Ano que deseja tirar um curso de culinária?... (para comer bolos)

— Quem é o mais ingénuo do 7.º ano?...

— Qual a septimanista que tem a mania da «mini-saia»?

— Quem é o loiro flamengo que anda de bicicleta com as vacas e o cavalo pela mão?...

— Qual a menina do 4.º Ano que esteve quase a ser madrinha de guerra de um soldado micaelense?...

A «Paulmania» foi uma epidemia amorosa muito contagiosa sobretudo no 6.º Ano, e segundo os peritos, originária de S. Jorge. Contagiou mesmo certas meninas.

Contudo o rumo foi outro e a «Paulmania» desceu ao 4.º ano.

## CINE «SEM POISO»

continua a apresentar  
o grande êxito de 66-67

### Manas em Acção

A história de duas manas amorosas e explosivas que num ambiente moderno cederam à persistência de dois «Teddy-boys».

Com a interpretação das já consagradas

**Manas Linearez**

e os não menos desconhecidos

**Borgeois e D'Artagnan**

Não deixem de ver este empolgante Technicolor em «cinemaos copos» que muito promete em acção e ternura

No intervalo há a registar  
a actuação do célebre conjunto

## «GASTA-LUZ»

donde se destacam as exibições  
do vocalista Elvis e o baterista Hermin

## CONCURSO

### «O Rei e a Rainha do Yé-Yé»

ARAUTO abre nas suas colunas um concurso «Yé-Yé», no qual, por votos feitos pelos alunos deste liceu no respectivo cupão, e a entregar ao chefe da turma de cada aula, será eleito «o Rei e a Rainha do Yé-Yé» do nosso liceu.

No próximo número ARAUTO dará o resultado das eleições.

Esperamos que a «malta» dê a sua incondicional e sempre gentil colaboração.

## CONCURSO «YÉ-YÉ»

Nome do menino.....

Ano e Turma.....

Nome da menina.....

Ano e Turma.....

NOTA — Os nomes do vencedor e da vencedora só serão publicados, caso eles consintam isso.